

## VOANDO PELO PALÁCIO<sup>1</sup>

Débora Fiori<sup>2</sup>, Ana Lúcia Beck<sup>3</sup>, Rosângela Miranda Cherem<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Vinculado ao projeto “Mensagens de Hermes – estudo sobre elementos decorativos do Palácio Cruz e Sousa”.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Artes Visuais – CEART – Pesquisadora voluntária de Iniciação Científica.

<sup>3</sup> Orientadora, Departamento de Artes Visuais – CEART – [analuciabeck@gmail.com](mailto:analuciabeck@gmail.com)

<sup>4</sup> Supervisora, Departamento de Artes Visuais – CEART – [rosangelamcherem@gmail.com](mailto:rosangelamcherem@gmail.com)

No centro histórico da capital do estado, se localizam a Praça XV de Novembro, a Catedral Metropolitana e o Palácio Cruz e Sousa, que abriga o Museu Histórico de Santa Catarina. Discorrerei sobre o Palácio Cruz e Sousa, que por muito tempo foi o Palácio do Governo e morada de muitos governadores do estado de Santa Catarina. Um desses governantes foi Hercílio Luz, que após sua eleição em 1894, decidiu reformar o Palácio. Esta gerou grande expectativa nos moradores, como é possível perceber na notícia do Jornal República em 22 de novembro de 1894: “Vae ficar nosso Estado com um dos melhores palacios, realizado que seja por completo, o plano traçado pelo Dr. Governador. Ainda bem que o velho casarão, com os seus anti-diluvianos vae ser transformado n’um edificio elegante, perfeitamente aproveitavel.” Ao entrarmos no Museu Histórico, que mantém a estrutura e os móveis no mesmo lugar desde a reforma, é possível entender a excitação do jornalista com resultado da reforma; afinal, o lugar foi decorado em estuque com os mais diversos ornamentos e símbolos que sobrevivem e encantam a todos os visitantes até os dias de hoje.

Esta pesquisa visa recuperar um pouco da história desses motivos decorativos, aproximando-a da história da arte e da tradição iconográfica. Como inspiração, tivemos a abordagem de *A história do mundo em 100 objetos*, do curador do Museu Britânico, Neil Mac Gregor (2013) que adicionou o seu conhecimento e sensibilidade às informações dos objetos do museu em que trabalha, dando a eles vida e significado. Partindo dessa referência, essa pesquisa visa garantir a sobrevivência e até mesmo a história dos elementos decorativos encontrados no antigo Palácio do Governo. Dentre os elementos decorativos do palácio, se encontra o objeto que é abordado nessa pesquisa: o teto de hall de entrada (figura 1). É possível se observar no teto formas geométricas que possuem imagens dentro. Na figura maior e central é possível reconhecer Hermes e uma mulher voando em um céu azul e nos arredores deles diversas imagens com folhas, flores, animais e objetos característicos do Brasil.

Além do modelo de Neil Mac Gregor, a pesquisa utilizou referências como o livro *Lendo Imagens* (Alberto Manguel, 2001), que foi de grande importância para estruturar a análise visual das imagens, buscando associá-la à história das imagens, sempre pensando as significações de forma sensível e afetiva. Buscando por essas iconografias, a monografia *Os imaginários visuais de Hermes em relação ao Hino Homérico IV*, de Teane Mundstock Jahnke (2010), foi fundamental para entendermos como a imagem de Hermes foi elaborada ao longo do tempo. Também *Composições zoológicas – errâncias transatlânticas de objetos feitos com aves, penas e insetos até os oitocentos*, de Maria Cristina Volpi, foi essencial para o entendimento da aparição de flores, frutas, animais e objetos característicos brasileiros nos projetos decorativos do século XIX.

Após o estudo das referências e a observação minuciosa do teto de hall de entrada do Palácio Cruz e Sousa, foi possível reconhecer a imagem central como Hermes em função das características encontradas em outras de suas representações, começando pelos pés alados, que são encontrados algumas vezes como sandálias aladas. Outro símbolo que se pode reconhecer é o pétaso, uma espécie de chapéu muito utilizado na Grécia que em Hermes surge com asas; assim como um báculo, uma espécie de bastão que, de acordo com o *Hino Homérico IV*, lhe foi dado por outro deus grego, Apolo. Esse bastão possui duas cobras que formam um 8 aberto, sendo o báculo encontrado no Palácio distinto de outras representações por conter uma caveira. Depois de se entender quem é o deus grego que voa pelo teto do Palácio, refletimos sobre o motivo para ele estar ali. Hermes, de acordo com a monografia *Os imaginários visuais de Hermes em relação ao Hino Homérico IV*, possui participação em diversos Hinos Homéricos, sendo atribuídas a ele várias histórias e funções, o que deixa em aberto o que o estucador tinha em mente exatamente. De qualquer forma, o Hermes que voa pelo teto de hall de entrada está rodeado de moedas, o que nos dá dicas para pensar no seu significado como protetor dos comerciantes, e como aquele que, apesar de enganar os mortais, dá a eles muitas riquezas.

Além da imagem de Hermes, as figuras que se encontram nos outros espaços geométricos do teto (figura 2) mostram um interesse do estucador em demonstrar as características brasileiras, mesmo que ao lado de um deus grego. É possível identificar folhas de cafés, rosas, peras e bananas, assim como dois papagaios, animais comuns da América Latina. Na mesma figura, podemos perceber a presença de flores amarelas e também de conchas, estas podem estar relacionadas com as praias da cidade em que o Palácio se encontra. Segundo Maria Cristina Volpi, é possível notar o quanto esse tipo de representação era considerada exótica na Europa e o quanto o Brasil utilizou dessa moda por influência do continente que ditava modelos estéticos na arte e na arquitetura.



**Figura 1.** Imagem central do teto do hall. Fonte: acervo pessoal.

**Figura 2.** Detalhes das figuras às margens do motivo principal. Fonte: acervo pessoal.

**Palavras-chave:** Palácio Cruz e Sousa. Hermes. Hall de entrada.